

Identidade e construção de autoria em uma língua adicional: as memórias ou autobiografias de linguagem

Valéria Silveira Brisolara*

Resumo

Grande parte da literatura contemporânea é escrita em uma língua adicional. Muitas dessas obras produzidas em língua inglesa são de cunho autobiográfico ou memorial, enfatizando aspectos relacionados ao aprendizado de uma língua adicional e a posterior transformação dessa língua em uma língua de escrita, ou seja, à construção de uma autoria em uma língua adicional. Essas narrativas revelam e discutem o efeito de uma língua adicional sobre a primeira e sobre a identidade do sujeito ao tematizar o exílio e fazer dele matéria-prima para a escrita. Nesse contexto, este artigo tem por objetivo apresentar e discutir o conceito de memórias ou autobiografias de linguagem e exemplificar tal conceito a partir da obra **Lost in Translation**, da escritora canadense Eva Hoffman.

Palavras-chave: Autoria. Língua adicional. Autobiografia. Memória. Identidade.

Recebido em: 22/01/2017

Aceito em: 17/05/2017

* Centro Universitário Ritter dos Reis - UniRitter. Mestre e doutora em Letras - literaturas de língua inglesa. Professora do PPGL em Letras da UniRitter.

“A língua está inventando um novo eu.”
(HOFFMAN, 1989, p. 121).

1 Introdução

A publicação de narrativas de cunho memorial, incluindo diários, memórias, autobiografias e biografias, tem ganhado cada vez mais a atenção dos leitores e pesquisadores. Da mesma maneira, também tem havido um incremento na publicação tanto de obras ficcionais quanto de não ficcionais escritas em uma língua adicional,¹ assim como no número de prêmios concedidos a autores cuja escrita se dá em uma língua que não seria a sua materna. As transformações ocorridas ao longo do século XX, após duas grandes guerras, nazismo e regimes ditatoriais, fizeram com que o exílio e a migração marcassem a segunda metade desse século. A mobilidade geográfica provocada por esses deslocamentos levou também a uma mobilidade cultural e linguística, pois muitos cidadãos foram forçados a abandonar seus lares e, juntamente com eles, suas primeiras línguas e culturas. Como em outros períodos históricos, muitos tematizaram esse exílio e fizeram dele matéria-prima para a sua escrita, em grande parte produzida em uma língua que não era a materna. Autores como Samuel Beckett, Vladimir Nabokov, Salman Rushdie, Zygmunt Bauman, Edward Said e Tzvetan Todorov não só produziram suas obras de maior destaque em uma língua que não era a materna, mas também dedicaram reflexões a respeito dessa escrita e do processo de construção de autoria em uma língua adicional. Essa mudança pode ser observada mais claramente através da análise das listas de ganhadores de prêmios literários como o Prêmio Nobel e, no caso da escrita em língua inglesa, dos renomados *Booker Prize* e *American Book Award*.

Esse fenômeno tem sido estudado e diversos conceitos foram criados para tentar dar conta do *status* dessas obras. No entanto, a maior parte desses conceitos é relacionada à questão do exílio e ao deslocamento provocado por ele, sem fazer referência à questão linguística, ou às relações entre língua e identidade.

1 Há uma tendência em adotar o termo língua adicional em detrimento dos termos canônicos e dicotômicos língua estrangeira e segunda língua. Essa tendência está relacionada não só a uma mudança no panorama linguístico mundial, mas também a uma maneira diferente de perceber o processo de aprendizado de línguas e os efeitos deste nas identidades dos aprendizes. Neste trabalho, o termo língua adicional é usado por não se considerar relevante o local onde o aprendizado da língua é realizado, mas a maneira como a língua é utilizada (HELLERMANN, 2008). A expressão “aprendizado de língua adicional” refere-se aos estudos da Linguística Aplicada sobre o desenvolvimento da linguagem através das práticas sociais e da compreensão sobre a importância do uso da linguagem em situação de interação.

Georges Steiner (1971), que afirmava ter três primeiras línguas, criou o conceito de “Literatura extraterritorial” e dedicou uma obra inteira a ele, enfocando as relações entre as obras e o espaço geográfico. Surgiram também conceitos como os de “Literatura migrante”, “Literatura de exílio” e “Escritores de alhures”, todos enfatizando o deslocamento geográfico e cultural de seus autores. Somente o conceito de “Translinguismo literário”, elaborado por Steven Kellman (2000b), remete a questões linguísticas.

O que chama atenção é que muitas dessas obras produzidas em língua inglesa como uma língua adicional são de cunho autobiográfico ou memorial, enfatizando aspectos relacionados ao aprendizado de uma língua adicional e à posterior transformação dessa língua em uma língua de escrita, ou seja, à construção de uma autoria em uma língua adicional. Esse voltar de olhos para o passado a fim de seguir em frente fez com que alguns desses autores produzissem narrativas tematizando a sua condição, sendo muitas delas o que Aneta Pavlenko chama de autobiografias ou memórias de linguagem. Obras como **Hunger of Memory**, de Richard Rodrigues (1982), **Lost in Translation: a life in a new language**, de Eva Hoffman (1989), **Heading north, looking south: a bilingual journey**, de Ariel Dorfman (1998), **Something to Declare**, de Julia Alvarez (1998), e **Native Speaker**, de Chang-Rae Lee, são alguns dos exemplos de destaque dessa tendência de escrita autobiográfica em uma língua diferente da materna.

Uma das autoras de destaque nesse cenário é a estadunidense de origem dominicana Julia Alvarez. Em **Something to Declare**, a escritora declarou: “O que me fez escritora foi vir para este país”² (2000, p. 69), fazendo referência à relação entre sua mudança para os Estados Unidos e o consequente contato com uma nova língua e cultura e sua transformação em escritora. Em um dos momentos mais marcantes dessa obra, a autora relata o seu processo de adoção de uma língua que chama de “*My English*”: um híbrido entre o inglês e o espanhol. O depoimento de Alvarez chama atenção para questões ainda pouco discutidas: Qual o papel de uma língua adicional na formação da identidade de um sujeito? Ou ainda: Qual o efeito de uma língua adicional sobre a primeira e sobre a identidade do sujeito que o faz adotar uma língua não materna como língua de escrita? O fato de que muitos escritores admitem terem começado a escrever após o contato com a língua adicional e que usam de suas narrativas para discutir a questão da identidade é o foco de interesse, pois muitos declaram que são forçados a forjar uma identidade

2 Todas as traduções de citações de obras em língua inglesa são de nossa autoria.

entre sua primeira língua e sua língua de escritura e, frequentemente, fazem desse processo de negociação identitária seu tema central, independentemente do fato de produzirem romances, memórias, autobiografias ou até obras consideradas de cunho teórico, como no caso de autores como Edward Said e Zygmunt Bauman.

Dentro desse contexto, este artigo tem por objetivo apresentar o conceito de memória ou autobiografia de linguagem, relacionando-o aos conceitos de mobilidade linguística e translanguismo literário, ilustrando tal conceito a partir da obra **Lost in Translation: a life in a new language**, de Eva Hoffman, considerada uma autobiografia. A partir desses conceitos, o interesse recai sobre o efeito de uma língua adicional sobre a primeira e sobre a identidade do sujeito e também sobre as razões que possivelmente o fazem adotar uma língua adicional não só como língua de escrita, mas também como a língua na qual sua vida, sua história, merece ser narrada em uma obra de cunho memorial ou autobiográfico. Com este trabalho, pretende-se contribuir para as discussões sobre as narrativas de cunho memorial ou autobiográfico e a construção de autoria em uma língua adicional, um fenômeno cada vez mais frequente em nosso mundo globalizado, mas que ainda parece ser pouco estudado.

2 Identidade e construção de autoria em uma língua adicional

A obra **Switching Languages**, de Steven Kellman (2000a), reúne textos de escritores contemporâneos, como a própria Julia Alvarez, Richard Rodrigues e Eva Hoffmann, com reflexões sobre a troca de línguas e os efeitos desta na subjetividade. O título da obra de Kellman é uma clara referência ao fenômeno do *code switching*, ou alternância de código linguístico, fenômeno comum entre bilíngues. Esse fenômeno costumava ser visto como falta de proficiência, pois se supunha que o falante de uma língua adicional recorria à sua primeira língua por falta de conhecimento. Contudo, hoje, sabemos que não é bem assim. O falante bilíngue move-se por entre as línguas de acordo com vários critérios relacionados à situação enunciativa. Da mesma forma, é possível identificar que vários autores bilíngues, como Ariel Dorfman e a própria Julia Alvarez, alternam as línguas na sua escrita, enriquecendo as narrativas com sua mobilidade linguística, não sendo o uso da primeira língua causado pela falta de proficiência na adicional. Apesar de o título de sua obra fazer uma clara referência às questões linguísticas, Kellman não se dedica a elas, apenas cria o termo “translanguismo literário” para referir-se aos autores que escrevem em uma língua que não é a nativa.

Nessa obra, Kellman compila textos nos quais os autores refletem sobre o escrever em uma língua de adoção. Entretanto, Kellman propõe questões relevantes com a organização de sua obra, a qual dá voz a diferentes tipos de posicionamento. Em sua apresentação da obra, ele afirma que agrupou os escritores multilíngues em seções, levando em consideração os que descrevem o seu processo de escolha e posterior adoção de uma língua de escrita como mais ou menos conflituoso. A iniciativa de Kellman é similar à empreendida por Wendy Lesser (2004), em sua obra **The Genius of Language**. A diferença está no fato de que Lesser não selecionou textos a partir da produção prévia dos autores, mas solicitou a alguns desses escritores que escrevessem um ensaio inédito sobre o escrever em uma língua não materna. Destaca-se “Footnotes to a double life”, de Ariel Dorfman, em que o autor narra o difícil processo de escolher a língua em que sua autobiografia deveria ter sido escrita e o desenvolvimento do posterior processo de escrita após essa escolha. Em ambas as obras, de Lesser e Kellman, os autores refletem sobre as diferenças de escrever em uma língua materna e não materna, remetendo às relações entre língua, identidade e cultura, e sugerem que as estruturas de uma dada língua têm influência no modo como pensamos, ecoando as teses de Edward Sapir e James Lee Whorf, e hoje retomadas por autores como Claire Kramsch e Aneta Pavlenko.

Além de **Switching Languages**, Kellman escreveu outra obra dedicada a esses autores que escrevem em uma língua adicional e fazem do aprendizado dessa língua o tema, e talvez até a motivação para suas obras e ingresso no mundo da escrita, como sugerido por Julia Alvarez. Na obra **The Translingual Imagination**, Kellman (2000b) define e desenvolve o conceito de “Translinguismo literário” como o fenômeno de autores que escrevem em mais de uma língua ou pelo menos em uma língua que não é a sua língua materna (2000b, p. ix). Kellman cita vários autores que se movimentavam por vários universos linguísticos e acredita que sua posição entre línguas possibilitou que desafiassem os limites de seu próprio meio literário (KELLMAN, 2000b, p. ix).

O prefixo “trans”, do termo “translinguismo”, significa “através de” e “além de” e sugere que esses autores se movem através e além das suas línguas. O que chama atenção é a noção de que esses autores, independentemente do nome que recebem, são sujeitos que se movem por e entre línguas, e o termo “translinguismo” faz referência a isso, indo muito além do termo bilinguismo. O termo “translinguismo” possui estreita relação com o termo “Mobilidade linguística” (BRISOLARA,

2010), nome dado a esse fenômeno do sujeito que se move por e entre línguas e constrói uma identidade e pode vir a construir uma autoria nesse deslocamento.

No entanto, os conceitos não são iguais, pois a diferença reside no fato de o conceito de Kellman fazer referência e aplicar-se apenas a autores de obras de ficção que escrevem em uma língua adicional, enquanto o conceito de mobilidade linguística é mais amplo, pois não se aplica só ao *status* de autores de obras literárias em uma língua adicional, mas sim a todo e qualquer sujeito que se move por e entre línguas e escreve obras ficcionais ou não ficcionais em uma língua que não é a sua primeira, referindo-se ao deslocamento entre sistemas linguísticos e à consequente reconfiguração identitária advinda desse deslocamento, pois, hoje, a concepção predominante de identidade, defendida por autores como Stuart Hall (1997), Zygmunt Bauman (2005) e Kanavillil Rajagopalan (2003), da qual compartilhamos, defende que a identidade é provisória e variável, e chega-se a defender a preferência do uso do termo identidades em detrimento do termo identidade. Para esses autores, língua e identidade são indissociáveis. Nas palavras de Ricento, “a identidade é constituída através e pela linguagem”. (RICENTO, 2005, p. 895). Também, a esse respeito, Rajagopalan afirma: “A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua”. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 74).

As consequências disso para a escrita e para a construção de uma autoria em uma língua adicional implicam que, nesse sentido, certamente “o sujeito entre-línguas fica em um entre-lugar” (CAVALLARI; UYENO, 2011, p. 144), pois fica entre línguas e entre identidades. Sendo o sujeito o efeito das línguas que fala e que o falam, não pode haver uma separação clara entre uma e outra língua, pois esse sujeito pode ser considerado híbrido segundo a concepção de Bhabha, segundo o qual híbrido é sempre um terceiro elemento que surge da negociação, da tensão, sempre inacabada, entre os elementos (BHABHA, 2003). Nas palavras de Cavallari e Uyeno, há uma impossibilidade de se traçarem fronteiras entre as línguas, bem como de “(de)marcar os lugares que estas ocupam na constituição do sujeito”. (CAVALLARI; UYENO, 2011, p. 144).

A construção de autoria em uma língua adicional é marcada por esse conflito. Segundo Pavlenko, “há duas vozes e dois eus que coexistem, pacificamente ou violentamente, reagindo diferentemente a eventos e pessoas, fornecendo respostas conflitantes e contraditórias a questões”. (PAVLENKO, 1998, p. 14). Pode-se dizer

que a partir do deslocamento geográfico e subjetivo provocado pelo distanciamento da cultura polonesa e da língua polonesa, e pelo trespasse do inglês, a narradora e protagonista tornar-se-á outra, e, desse tornar-se outra e encontrar-se em um entre-lugar, surgirá o desejo de narrar. Com relação a essa questão, concordamos com Nina quando defende que o texto literário pode ser “enriquecido pela confluência de diferentes vozes, discursos, e culturas que cercam o universo estrangeiro do autor” (NINA, 2003, p. 53).

3 As memórias ou autobiografias de linguagem

Apesar de ser possível identificar narrativas de cunho memorial ou autobiográfico produzidas há séculos, somente nas últimas décadas os estudiosos resolveram debruçar-se sobre o assunto com mais empenho e caracterizar e diferenciar essas obras. Nesse contexto, destacam-se obras como **O pacto autobiográfico**, de Philippe Lejeune (2008), em que o autor faz um esforço para descrever as características e, assim, delimitar o gênero autobiografia; e “Escritas de si”, de Michel Foucault (2004), em que o autor reconstrói o percurso das narrativas autobiográficas ao longo da história, enfocando as relações entre escrita e subjetividade. No entanto, poucos autores dedicaram-se a estudar essas obras a partir de uma perspectiva linguística e não meramente literária. Esse voltar de olhos às narrativas de cunho memorial a partir de outro lugar levou à identificação de um *corpus* crescente de narrativas escritas em uma língua adicional e propiciou a posterior identificação do que Aneta Pavlenko chama de memórias ou autobiografias de linguagem e considera um subgênero dentro das autobiografias. Para a autora, essas narrativas “constituem uma fonte intrigante e raramente estudada de evidências do processo de aprendizado de uma segunda³ língua” (PAVLENKO, 2001, p. 3).

Pavlenko tem estudado as narrativas de cunho autobiográfico e memorial escritas em língua inglesa como uma língua adicional e seu surgimento. As autobiografias da linguagem seriam, para a autora, obras nas quais autores relatam o seu processo de aprendizado de uma língua adicional e os efeitos deste na sua identidade. Assim, o objetivo ou foco da obra seria narrar e enfatizar o processo de aprendizado de uma língua e não somente uma história de vida, o que apontaria

³ Apesar de se utilizar o termo língua adicional em detrimento do termo segunda língua, conforme explicitado em nota anterior, mantém-se o termo em citações em respeito aos autores.

para a centralidade do processo. De acordo com Pavlenko, essas narrativas são “histórias de vida que enfatizam as línguas do falante e discutem como e por que essas línguas foram aprendidas, usadas e abandonadas.” (PAVLENKO, 2007, p. 165). Em outro texto de Pavlenko, escrito com Lantolf, é reforçado o fato de que essas narrativas descrevem o processo de atravessar a fronteira entre uma forma de ser e outra e a percepção de que, após serem marcados por uma língua adicional, os sujeitos tornam-se outros (PAVLENKO; LANTOLF, 2000, p. 174). No mesmo sentido, Vivian Cook afirma que muitos escritores bilíngues, ao escreverem narrativas sobre o seu processo de aprendizado de uma língua, descobriram a relação enriquecedora e transformadora entre as suas múltiplas línguas, fenômeno chamado pelo autor de multicompetência (COOK, 1999), muito antes dos linguistas, pois suas narrativas mostram e discutem os processos pelos quais passavam.

Ainda segundo Pavlenko, os textos escritos fornecem aos sujeitos um espaço de apropriação da língua, pois neles os sotaques podem ser apagados, e as vozes dos autores, imbuídas de autoridade (PAVLENKO, 2001). Para a autora, a escrita permite que os indivíduos recuperem o controle sobre a sua identidade, o mundo e a própria história de sua vida, ou ainda representa “espaços seguros onde novas identidades podem ser inventadas e novas vozes experimentadas” (PAVLENKO, 2001, p. 325). Dessa forma, as autobiografias ou memórias de linguagem oferecem a possibilidade de reconstruir a própria história a partir da linguagem e de uma nova relação com as línguas que nos falam.

Pavlenko (2004) chegou ao conceito de narrativas ou memórias de linguagem a partir de um estudo no qual comparou obras de cunho autobiográfico ou memorial produzidas em língua inglesa de dois períodos diferentes: o período entre o fim do século XVIII e a primeira metade do século XX e o período do pós-guerra. Seu estudo demonstra diferenças marcantes entre as obras escritas nos distintos períodos. A autora identifica que as narrativas produzidas no primeiro período lidam primariamente com os temas da imigração, adaptação e assimilação e enfocam identidades nacionais e étnicas, dentre outras. Segundo a autora, lidam basicamente com a transformação de identidade — como se uma pessoa passasse de italiano a norte-americano ao aprender inglês e como se o processo se desse de maneira tão simples que não mereceria nem mesmo ser mencionado, pois os autores raramente o fazem. Segundo a autora, era como se o objetivo das narrativas fosse “inscrever os imigrantes europeus dentro da narrativa da identidade nacional

americana” (PAVLENKO, 2004, p. 49). Esse processo de inscrição dava-se através de uma retórica que enfatizava as realizações pessoais do autor, bem alinhada ao mito do *self-made man* inaugurado por Benjamin Franklin e também de uma aproximação dos europeus com os pais fundadores ou raízes europeias dos Estados Unidos (PAVLENKO, 2004, p. 49). A autora também identificou que os autores da primeira metade do século XX dedicaram-se pouco a falar de seu processo de aprendizagem da língua inglesa e, quando o fizeram, descreveram aparentemente como rápido e desprovido de desafios. Evidentemente, não deve ter sido exatamente assim, mas essa parece ser a percepção dos autores e a maneira como apresentaram a questão em suas narrativas.

Nas narrativas contemporâneas, segundo Pavlenko, os autores optam por discutir suas identidades como híbridas, hifenizadas e cosmopolitas (PAVLENKO, 2004, p. 54). Muitas de suas obras enfocam quase que somente o processo de aprendizado da língua adicional e seus efeitos sobre suas identidades e subjetividades. Nessas narrativas, fica claro que ninguém passa incólume ou impune pelo processo de exposição a uma língua adicional, pois aprender uma nova língua mexe com a identidade do sujeito, com as amarrações subjetivas, e escrever uma narrativa oferece ao sujeito a possibilidade de recontar e ressignificar a sua história por meio da língua. Por isso, Pavlenko (2004) denomina o processo descrito nessas narrativas de um processo de negociação de identidades, cujo foco é a relação entre suas línguas e identidades, destacando como os escritores constroem suas histórias sobre o aprendizado da língua, ou seja, como transformam em narrativa esse processo. Entretanto, Pavlenko dedica-se a tentar explicar essas questões, pois, juntamente com Lantolf, considera importante o papel das narrativas pessoais ao desempenharem a função de artefatos mediadores à medida que as pessoas passam por processos de mudança identitária (LANTOLF, 2000, p. 23). Nesse prisma, interessa pensar como é construída uma autoria, paralelamente à identidade, e, também, como é desenvolvida uma voz autoral, em uma língua adicional, ou no cruzamento entre as duas línguas, pois se acredita que o contato com uma língua outra, em qualquer momento da vida do falante, pode adicionar elementos à construção identitária do falante e ter efeitos sobre as suas amarrações subjetivas. Tal ponto de vista pode ser relacionado à concepção de que aprender uma língua adicional pode levar a uma mudança do sistema mental de uma pessoa, incluindo até o seu próprio conceito de si mesma (LANTOLF, 2000, p. 5).

Ainda segundo Pavlenko (2004), esse tipo de questionamento, relacionado à autopercepção do escritor, é raramente considerado como merecedor de investigação. Entretanto, Pavlenko (2004) dedica-se a tentar explicar essas questões a partir de uma perspectiva linguística, já que vários escritores, como Julia Alvarez e Ariel Dorfman, defendem que a identidade é híbrida, construída e desconstruída na tensão entre as duas línguas, sugerindo a construção de uma autoria híbrida paralelamente às construções identitárias, no cruzamento entre as duas línguas.

Perspectivas de outros autores trazem argumentos relevantes sobre a relação entre a língua materna e uma língua adicional e os efeitos dessa relação na escrita. Cavallari e Uyeno afirmam que:

A primeira língua, aquela que os marcou por primeiro, tornando-os sujeito, não desaparece nunca, nem mesmo trinta ou quarenta anos depois: ela está ali, escondida, no mais recôndito do ser e, vez por outra, emerge como fagulhas de um vulcão amortecido pelo tempo e pelos hábitos. (CAVALLARI; UYENO, 2011, p. 13).

E ainda: “Resta sempre algo, no sotaque, numa palavra que se esgueira, num trejeito que trai, revela, ao mesmo tempo em que vela, esconde.” (CAVALLARI; UYENO, 2011, p. 13). Ainda segundo as autoras,

não se leva em conta que a língua materna ou primeira língua estará sempre presente, porque ela constitui o sujeito, que é prioritariamente sujeito da linguagem, submetido, portanto, a ela. Esquece-se, ainda, que uma age sempre na outra, seja qual for o estágio de aprendizagem. (CAVALLARI; UYENO, 2011, p.10-11).

Assim, esse processo emerge nas memórias ou autobiografias de linguagem à medida que o aprendizado é um processo de transformação e não um produto a ser medido, tendo como referência algum *standard* absoluto de conhecimento (HELLERMANN, 2008, p. 7), sendo, o aprendizado um processo de negociação de identidade, pois o aprendiz se torna estrangeiro em ambas as línguas e “passa a ocupar um lugar distinto, situado no sem fronteiras do entre meio”. (CAVALLARI; UYENO, 2011, p. 137). É nesse lugar que se situam os narradores de memórias ou autobiografias de linguagem, e a sua narrativa emerge da necessidade de falar desse lugar e a partir desse lugar.

4 Uma memória de linguagem: *Lost in Translation: a Life in a New Language*, de Eva Hoffman

Eva Hoffman tinha apenas 13 anos de idade quando emigrou com sua família da Polônia para o Canadá em 1949. Como a maior parte das famílias de imigrantes judeus, quando os Hoffman chegaram ao Canadá, enfrentaram muitos obstáculos, e uma das maiores dificuldades foi a língua inglesa. Muitos anos mais tarde, Eva formou-se em Letras e tornou-se jornalista. Em 1989, publicou o livro que a tornaria conhecida: **Lost in Translation**: a life in a new language. Como o nome da obra indica, narra a sua vida em uma nova língua, ou seja, apresenta a versão de Hoffman sobre o processo de transformação pelo qual um sujeito passa ao mover-se por e entre universos linguísticos. Nessa obra, uma Hoffman adulta narra retrospectivamente o processo por que passou ao perceber estar perdendo uma identidade e reconstruindo uma nova em um novo país e língua e, finalmente, como anos mais tarde reconciliou todas as vozes e línguas que a habitavam com o auxílio da escrita.

A obra é dividida em três partes: “O paraíso”, “O exílio” e “O novo mundo”. Na primeira parte, “O paraíso”, narra a sua infância e adolescência na Cracóvia. Nas suas palavras, a sua infância foi vivida em um mundo no qual se sentia segura e confortável. Na segunda parte, “O exílio”, Hoffman narra os seus primeiros anos no Canadá e todas as dificuldades que esse exílio lhe trouxe, levando-a à tentativa de adaptação, com o aprendizado de novas palavras, sentimentos, e uma nova identidade cultural. Nesse contexto, é relevante ressaltar o título que a autora dá a cada parte da obra. O paraíso relaciona-se à língua materna, e o exílio, à perda dessa língua. A esse respeito, Nina lembra-nos de que, “no exílio, há uma perda do ambiente da língua materna, da familiaridade, com o ouvir ‘ruídos’” (NINA, 2003, p. 52), ou seja, palavras que ainda não têm significado e, por isso, parecem apenas ruídos. E, na terceira parte, “O novo mundo”, descreve como, na condição de imigrante, após a perda, refaz a sua identidade imersa em uma cultura e idioma diferentes. Após muitos anos, finalmente, ela se sente à vontade em sua nova língua e decide escrever a sua autobiografia, usando a língua inglesa, enfatizando o processo de aprendizagem dessa língua. Essas fases se sucedem ao longo da narrativa. Entretanto, é importante ressaltar que é uma Eva adulta que olha para trás e reconstrói essas fases a partir de sua memória. A esse respeito, Seligmann-Silva afirma: “Apenas para a historiografia vale o particípio ‘passado’; para a

memória, o passado é ativo e justamente não passa”. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 16). O uso dos verbos no passado mascara esse fato, mas Eva, como a maioria dos narradores de narrativas de cunho memorial ou autobiográfico, volta-se ao passado para reconstruí-lo a partir do presente, no entrecruzar entre presente e passado. No caso de Hoffman, a autora usa como meio de escrita a língua cujo aprendizado relata e a toma como tema central de sua autobiografia, fazendo que a língua e seu processo de aprendizagem sejam os protagonistas da narrativa que emerge.

No começo da narrativa, uma Eva madura afirma: “A perda de uma identidade linguística é acompanhada pela perda de todas as subjetividades prévias”.⁴ (HOFFMAN, 1989, p. 6). E mais adiante: “O deslocamento envolve uma perda completa dos referenciais, e, literalmente, dos referenciais geográficos [...]”. (HOFFMAN, 1989, p. 6). Com essas afirmações, a autora já dá o tom de suas memórias, pois a partir do processo de mudança de nome, de Ewa para Eva, sua perda de identidade se inicia. Essa perda de identidade será acompanhada e reforçada pela perda da língua materna. Todas as mudanças são descritas detalhadamente em suas memórias. Ao longo da narrativa, as citações mostram esse processo página a página, à medida que a autora avança em sua sensação de perda. Ao identificar que está perdendo a linguagem, afirma:

Eu não vejo o que já vi. Eu não compreendo o que está na minha frente. Eu não estou mais cheia de linguagem, e eu deixo apenas uma memória de quando havia abundância de linguagem para me angustiar com o saber de que, neste espaço vazio e escuro, eu não existo de verdade. (HOFFMAN, 1989, p. 98).

E, posteriormente, à medida que começa a aprender o inglês, percebe estar sofrendo os efeitos dessa língua. Afirma: “Estou me tornando um estranho tipo de criatura na qual eu nunca quis me transformar.” (HOFFMAN, 1989, p. 75). E, mais adiante, chega a dizer: “A língua está inventando um novo eu.” (HOFFMAN, 1989, p. 121). A resposta com relação a quem é esse novo eu que emerge será dada pela narradora nas páginas seguintes. Segundo ela, a razão para tal mudança é que “o significante se separou do significado”, pois as palavras que aprende não representam ou evocam elementos da mesma maneira inquestionável que representavam em sua língua materna (HOFFMAN, 1989, p. 96). Esse processo

⁴ Todas as traduções da obra de Hoffman são de nossa autoria.

de perda de referências e posterior reconfiguração identitária na narrativa não é indolor. Ao descrever e tentar analisar esse processo, em vários momentos, a narradora se refere à relação entre linguagem e corpo. Reconhece:

Eu me tornei obcecada pelas palavras. Eu as reúno, as coloco de lado como um esquilo que guarda nozes para o inverno, as engulo e tenho fome de mais. Se eu ingerir o suficiente, então talvez eu possa incorporar a língua, torná-la parte da minha psique e do meu corpo. (HOFFMAN, 1989, p. 194).

E ainda volta a esse tema quando identifica que “uma vez que a linguagem começa a falar a partir de minhas células, eu paro de ser tão presa a ela”. (HOFFMAN, 1989, p. 218). Assim, em vários momentos, faz referência aos efeitos da linguagem no corpo e usa metáforas como “adquirir”, “internalizar” e “incorporar”, as quais são frequentes nos estudos sobre aprendizado de línguas, e as relaciona ao seu desejo de aprendizado.

Mais adiante, após uma aproximação da língua inglesa, e identificando a sua vida como não mais de exílio e sim de chegada a um novo mundo, Eva compara esse novo eu que surge do aprendizado de língua inglesa a um mosaico: “De agora em diante, eu serei feita, como um mosaico, de fragmentos — e minha consciência deles.” (HOFFMAN, 1989, p. 149). A partir da percepção de que é formada por todos esses elementos, refere-se a si mesma como uma “criatura híbrida” (HOFFMAN, 1989, p. 221), renunciando o hibridismo defendido por Bhabha (2003). Nas suas palavras,

agora quando eu falo polonês, ele é infiltrado, permeado, e modulado pelo inglês na minha cabeça. Cada língua modifica a outra, hibridiza, fertiliza a outra. Cada língua torna a outra relativa. Como todos, eu sou a soma de minhas línguas... (HOFFMAN, 1989, p. 245).

Finalmente, reconhece, na narrativa, ser a soma das línguas às quais foi exposta e também a importância de contar a sua história a fim de entendê-la:

É só quando eu reconto toda minha história até o começo e depois do começo ao fim em uma língua, que eu posso conciliar as vozes dentro de mim umas com as outras; é só então que a pessoa que julga as vozes e conta as histórias começa a surgir”. (HOFFMAN, 1989, p. 245). Assim, atesta a importância de escrever as suas memórias em língua inglesa a fim de apaziguar as línguas dentro de si.

5 Considerações finais

O ato de compor uma obra em uma língua adicional indica um desejo de apropriação da língua, mas, ao mesmo tempo, é um ato performativo, pois há um sujeito enfrentando essa língua e já fazendo dela sua. No entanto, no caso da narrativa de Hoffman, similarmente a outras memórias ou autobiografias de linguagem, é um autor maduro que escreve, voltando-se ao seu passado a partir de uma perspectiva presente. O narrador mostra, página a página, o que o autor já sabe: o aprendizado de uma língua, ou seja, a incorporação de uma língua adicional, marca e modifica o sujeito e, por isso, Hoffman é capaz de fazer da língua inglesa a língua de escrita de sua narrativa. Esse processo, no entanto, deixa cicatrizes que são tocadas durante a escrita.

A obra de Hoffman se refere a seu processo de negociação identitária e de escolha de uma língua de escrita a todo momento. Seu foco é a relação entre suas línguas e identidades e como sujeitos constroem suas histórias sobre o aprendizado da língua, ou seja, como transformam em narrativa esse processo que Pavlenko (2001) identifica como de “perdas e ganhos”. Por meio de sua narrativa, fica claro que ninguém passa incólume ou impune pela exposição a uma língua adicional. Aprender uma nova língua reconfigura a identidade do sujeito, nas amarrações subjetivas, e escrever uma narrativa oferece ao sujeito a possibilidade de recontar e ressignificar a sua história através da língua. Esse processo é descrito por Hoffmann em detalhes na sua obra, por meio de um olhar retrospectivo. As suas memórias ou autobiografia de linguagem mostram a centralidade da linguagem e das línguas às quais somos expostos na nossa vida, através de uma reflexão sobre a maneira que a língua adicional questiona a relação que está instaurada entre o sujeito e a sua língua. Isso está relacionado à afirmação de Ferre, outro autor que escreve em uma língua adicional, de que:

“Escrever em inglês é como olhar o mundo com novos óculos. Impõe uma nova visão. Quando escrevo em espanhol, minhas frases são como obras barrocas. Quando escrevo em inglês, eu faço frases objetivas e simples porque eu quero ser preciso e prático”. (FERRE apud KELLMAN, 2000b, p. 138).

A escolha de escrever em inglês é significativa, pois Hoffman, como Alvarez, decidiu escrever após o aprendizado de inglês. Cabe repetir a pergunta de Kellman (2000a, p. 13): “Será que é o escritor que escolhe a língua ou a língua que escolhe o escritor?” Pode-se pensar no que Derrida responderia. Para o autor, “não há uma e outra língua, o que há é um híbrido que (con)figura o idioma do enunciador”

(DERRIDA, 2006, p. 45). Dessa forma, pode-se afirmar que a autoria é construída na intersecção entre as línguas, nesse espaço entrelínguas em que cada sujeito desenvolve a sua língua única, que está, por sua vez, sempre mudando, assim como a identidade do autor entre as letras, línguas e vozes, durante o processo de escrita. Esse processo de reconstrução identitária e esse espaço de exílio, como Hoffman tão claramente mostra, foram ignorados e pouco estudados. As memórias ou autobiografias de linguagem evidenciam esse processo e esse espaço e, ao fazê-lo, lembram-nos de que somos feitos de linguagem, como as obras que lemos e escrevemos.

Identity and Construction of Authorship in an Additional Language: Language Memoirs or Autobiographies

Abstract

Much of contemporary literature is written in an additional language. Many of the works written in English are memories or autobiographies, which emphasize aspects related to the learning of an additional language and its later transformation in one's language of writing, that is, the construction of authorship in an additional language. These narratives disclose and discuss the effect of an additional language on the first and on the individual's identity as they focus on exile and make it raw material for their writing. In this context, this article aims to present and discuss the concept of language memoirs or autobiographies and exemplify this concept by analyzing the book *Lost in Translation* (1989) by Canadian writer Eva Hoffman.

Keywords: Authorship. Additional language. Autobiography. Memory. Identity.

Referências

ALVAREZ, Julia. Something to declare. In: KELLMAN, Steven. (Ed.). **Switching languages: translingual writers reflect on their craft**. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2000. p. 69-77.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidad**. Buenos Aires: Losada, 2005.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução do inglês de Daniel Sarasola. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BRISOLARA, Valéria. Mobilidade linguística. In: BERND, Zilá. (Org.). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Litteralis, 2010.

CAVALLARI, Juliana. S.; UYENO, Eliza. Y. (Org.). **Bilinguismos: subjetivação e identificações nas/pelas línguas maternas e estrangeiras**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. (Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, v. 9).

COOK, Vivian. Going beyond the native speaker in language teaching. **TESOL Quarterly**, v. 33, n. 2, p. 185-209, 1999.

DORFMAN, Ariel. Footnotes to a double life. In: LESSER, Wendy. (Ed.). **The Genius of Language: fifteen writers reflect on their mother tongues**. New York: Pantheon, 2004.

DORFMAN, Ariel. **Heading South, Looking North: a bilingual journey**. New York: Penguin, 1999.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política**. Tradução de Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HELLERMANN, John. **Social Actions for Classroom Language Learning**. Clevedon: Multilingual Matters, 2008.

HINKEL, Eli. (Org.) **Handbook of Research in Second Language Teaching and Learning**. New York: Routledge, 2005.

HOFFMAN, Eva. **Lost in Translation: a life in a new language**. London: Vintage Books, 1989.

KELLMAN, Steve. **Switching Languages: translingual writers reflect on their craft**. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2000a.

KELLMAN, Steven. **The translingual imagination**. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 2000b.

LANTOLF, James P. **Sociocultural Theory and Second Language Learning**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Tradução e organização de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LESSER, Wendy. (Ed.). **The Genius of Language: fifteen writers reflect on their**

mother tongues. New York: Pantheon, 2004.

NINA, Cláudia. **A palavra usurpada**: exílio e nomadismo na obra de Clarice Lispector. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

PAVLENKO, Aneta. Autobiographic narratives as data in applied linguistics. **Applied Linguistics**, v. 1, p. 163-188, 2007.

PAVLENKO, Aneta. Bilingual selves. In: PAVLENKO, Aneta. **Bilingual minds**: emotional experience, expression and representation. Clevedon: Multilingual Matters, 2006. p. 1-33.

PAVLENKO, Aneta. In the world of the tradition I was unimagined: negotiation of identities in cross-cultural autobiographies. **International Journal of Bilingualism**, v. 5, n. 3, p. 317-344, 2001.

PAVLENKO, Aneta. Second language learning by adults: testimonies of bilingual writers. **Issues in Applied Linguistics**, v. 9, n. 1, 1998.

PAVLENKO, Aneta. The making of an American: negotiation of identities at the turn of the twentieth century. In: PAVLENKO, Aneta; BLACKLEDGE, A. **Negotiation of Identities in Multilingual Contexts**. Clevedon: Multilingual Matters, 2004. p. 34-67.

PAVLENKO, Aneta; NORTON, Bonny. Imagined communities, identity and English language learning. **International Handbook of English Language Teaching**. Springer, 2007.

PAVLENKO, Aneta; LANTOLF, David. Second language learning as participation and the (re) construction of selves. In: LANTOLF, James (org) **Sociocultural Theory and Second Language Learning**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 155-177.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**. Linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

SIGNORINI, Inês. (Org.) **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 212-231.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

STEINER, Georges. **Extraterritorial**: Papers on Literature and the Language revolution. New York: Antheneum, 1971.